

ORIGEM DAS LÍNGUAS EM VICO, HERDER E ROUSSEAU

Enid de Abreu Dobránszky

A origem da linguagem só é verdadeiramente divina na medida em que é humana (Herder)

ABSTRACT: This paper discusses the issue of the origin of language of three philosophers: Vico, Herder and Rousseau. Although all three share the thesis that language has a natural origin, they diverge considerably among themselves. The focus of this study is the differences among the three.

A origem da linguagem humana foi sempre um tema fascinante, intrigando e atraindo a maioria dos filósofos do Ocidente, que sobre ela construíram hipóteses muitas vezes conflitantes e outras vezes muito próximas, dependendo das premissas em que seus sistemas se apóiam. Em termos muito gerais, podemos agrupar essas hipóteses em dois grandes blocos: o da origem natural, que afirma ter o signo lingüístico uma relação com o referente que ele designa, e o da origem por convenção, que funda a linguagem humana num contrato social. De meados do século XVII aos inícios do século XIX, essa questão foi intensamente debatida, e não admira, pois sabe-se que cada uma dessas posições implicava - implica sempre - toda uma visão da humanidade e da cultura, entendida esta em seu significado mais amplo. Três grandes pensadores dela trataram de modo particularmente penetrante e fundamental para suas respectivas doutrinas: Vico, Herder e Rousseau. Se é verdade que estes têm em comum a primeira tese - a da origem natural -, há contudo diferenças consideráveis, que vale a pena examinar, ainda que de maneira muito mais superficial do que se desejaria.

Dos três, o filósofo menos conhecido é sem dúvida Vico: apenas recentemente tem-se voltado a lhe dar a atenção devida, principalmente graças ao grande historiador Michelet, no século XIX, e ao filósofo italiano Croce. Giambattista Vico (1668-1744) viveu praticamente ignorado pela *intelligentzia* tanto contemporânea sua quanto posterior a ela. Costuma-se considerar esse filósofo italiano como o criador de uma das concepções mais fecundas da cultura: a

cultura como produto do fazer humano¹. Encontramos em Rossi², contudo, a afirmação de que a identidade entre *construir e conhecer* se encontra também em Bacon, Descartes, Hobbes e Mersenne, dentre outros filósofos mais antigos. O que importa, porém, é que esse postulado introduz uma concepção extremamente fecunda do homem, assim como das ciências humanas. Antes de mais nada, para ele a natureza do homem não é estática e inalterável: o homem cria a si próprio, sendo-lhe, inerente, portanto, a mudança. É dessa premissa que Vico retira sua afirmação, a de que só podemos conhecer, verdadeiramente, aquilo que nós próprios criamos. O mundo exterior é, pois, inacessível ao homem, no sentido de que dele não se pode ter um conhecimento certo - reservado a Deus, que o criou -, ao contrário das relações sociais, que são produto de seu trabalho. A certeza é resultado de um conhecimento *per causas*, ou melhor, só podemos ter certeza quando temos o domínio da nossa própria criação. Conhece-se aquilo que se inventou deliberadamente. No caso dos homens, a cada época "criaram" a realidade que lhes foi possível conformar. Ao termo *criação*, somente a ele têm direito a geometria - a geometria, *enquanto constrói a partir de seus próprios elementos ou contempla o mundo da quantidade, ela mesma o cria*.³ - e a cultura, nesta compreendida a arte. Isso se deve ao princípio do conhecimento *per causas* - através das causas - ou seja, só podemos dizer que conhecemos realmente uma coisa se lhe conhecemos as causas: a relação entre o verdadeiro (*verum*) e o feito (*factum*) tem mão dupla, se equivalem a ver não é receber apenas impressões, mas conceber uma coisa como visível.

As implicações dessas premissas são tão numerosas quanto importantes; mas, no momento, duas se reportam mais diretamente ao nosso presente assunto. A primeira é o *relativismo* que se instaura nas, como podemos dizer, ciências humanas: não existem propriedades universais da cultura, ou seja, se o homem pode entender a sua cultura, as relações sociais, porque as criou, por outro lado, cada civilização ou estágio de civilização têm de ser entendidos em seus próprios termos, o que exclui uma análise "de fora", segundo categorias do observador e põe em seu lugar a empatia e a imaginação, ou melhor o discernimento imaginativo - como diz Berlin⁴ -, que operam, desse modo, a reconstrução do passado. A segunda é um corolário da primeira: ao redefinir a *criação*, Vico redefine também a arte, libertando-a do seu caráter, na melhor das hipóteses meramente ornamental e, na pior, promotora de superstições e ilusões funestas, atribuindo-lhe um outro, o de expressão das concepções que o homem cria de si mesmo e de seu

¹ Cf., por exemplo, Vico e Herder, de Isaiah Berlin, Edit. da Universidade de Brasília, 1982.

² Paolo Rossi, *A ciência e a filosofia dos modernos*, Edit. da UNESP, 1992.

³ *Princípios de uma ciência nova*, in Vico, abril Cultural, 1979, p. 65.

⁴ Op. Cit., p., 104.

mundo a cada estágio de seu desenvolvimento. A imaginação é alçada a uma categoria do conhecimento.

Os estágios de desenvolvimento - ou *naturezas* - por que passou a humanidade, segundo Vico, foram três: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens. A primeira foi a *divina*, ou *poética*, na qual o homem atribuía às coisas materiais qualidades dos deuses - foi a época dos poetas teólogos -; a segunda, aquela em que os homens se viam como heróis, eles próprios divinos; foi a era das oligarquias, das uniões entre as famílias. Violentos, os homens não distinguiam a realidade da fantasia; foi a época de Homero. A terceira, finalmente, foi a da natureza humana. A primeira é a que mais interesse nos oferece, pois diz respeito à origem das línguas.

Não constituía novidade, nos séculos XVII e XVIII, a crença numa idade de Ouro, na qual os homens viviam em estado natural - estado que, para muitos filósofos, era de liberdade, ainda que, à época de Vico, predominasse a idéia de uma humanidade primeva robusta, porém feroz. *Vide Hobbes e Locke*, para quem o contrato social salvara o homem do homem. O que é novo, no filósofo italiano, é, juntamente com sua concepção do homem, que toda a humanidade, em seu berço, não apenas concebia o mundo de maneira poética mas também era esse o *único* modo possível a ela. Construindo ele próprio, mediante os sentidos, um mundo conformado à semelhança de si mesmo, todo o conhecimento e indústria humanos eram uma **sabedoria poética**. "Poética", de fato, porque fundada na *poiesis*, na criação:

*... a natureza humana, enquanto comum [no que diz respeito à animalidade] às bestas feras, traz consigo esta propriedade: que os sentidos sejam as únicas vias mediante as quais ela [a natureza animal dos homens] conhece as coisas. Temos portanto que a **sabedoria poética**, que foi a primeira forma de sabedoria da gentildade, precisou de começar por uma metafísica não racional e abstrata... mas sentida e imaginada ... Esta foi para eles a própria poesia que para eles constituiu uma faculdade que lhes foi conatural ... tal **poesia** começou neles por ser **divina**, pois ao mesmo tempo em que eles imaginavam as razões das coisas, contemporaneamente as sentiam e admiravam como divinas ... Desse modo, os primeiros homens das nações gentílicas, quais infantes ... do nascente gênero humano ... criavam, a partir de sua idéia, as coisas, mas num modo infinitamente diverso daquele de Deus. Pois Deus, em seu puríssimo entendimento, conhece e, conhecendo-as, cria as coisas ... [e os homens]*

fingindo as forjavam para si, pelo que eram chamados "poetas", que, no grego, é o mesmo que "criadores".⁵

Essa linguagem, forjada pela fantasia, pintava para si própria, portanto, as imagens com que explicava o mundo, segundo a maneira que lhe era possível explicar, ou seja, a que lhe era exclusivamente própria. Vico fala de uma *lógica poética*, de *mitologias*. A poesia era a linguagem, que se exprimia por tropos, dos quais derivaram posteriormente as figuras usadas pelos poetas. Nas próprias palavras do filósofo:

'Lógica' procede da palavra 'lógos', que originária e propriamente significou 'fábula', no italiano traduzido por 'fávella'. E a fábula também se chamou para os gregos 'muthos', que resulta para os latinos 'mutus', pois nos tempos mudos... nasceu como linguagem mental ... por isso lógos 'tanto significa 'idéia' quanto 'palavra' ... Porque esse tal falar primitivo, que foi dos reis teólogos, não foi um falar segundo a natureza dessas tais coisas ... mas foi um falar fantástico, mediante substâncias animadas, a maior parte das quais imaginadas divinas ... isso ocorre porque, sempre que desejamos projetar para fora do entendimento coisas espirituais, devemos socorrer-nos da fantasia, para as podermos explicar, e, como pintores, fingir delas imagens humanas... As mitologias, pois, devem ter sido as próprias das fábulas.⁶ Todos os primeiros tropos são corolários desta lógica poética. Deles, a mais luminosa e, por mais luminosa, a mais necessária e a mais espessa é a metáfora... De modo que cada metáfora, assim constituída, vem a ser uma fabulazinha minúscula.⁷

Também Herder espousa a tese de que a língua primeira foi poética. ... *a língua duma nação antiga, primitiva, selvagem, constitui, tanto quanto a respectiva mitologia, um curso sobre os labirintos da fantasia e das paixões humanas*⁸ Publicado em 1772, o *Ensaio sobre a origem da linguagem* foi escrito como resposta à questão colocada pela Academia das Ciências de Berlim, em 1769: 'Supondo-se que os homens fossem abandonados à suas faculdades naturais, seriam capazes de inventar a linguagem? E de

⁵ Id., ib, p.75-6.

⁶ Vico, op. cit., pp. 87-8.

⁷ Op. cit, p. 89.

⁸ *Ensaio sobre a origem da linguagem*, tradução de José M. Justo, Edições Antígona, Lisboa, 1987,p.77

que modo chegariam eles a inventá-la?" Tanto quanto Vico, e opondo-se aos sensualistas (Hobbes, Locke e principalmente Condillac, que julgavam ter sido a primeira linguagem o resultado da atomização e associação do pensamento às coisas), Herder enfatiza o papel das paixões na época primitiva, que motivavam gritos inarticulados. Contudo, para ele esses gritos naturais não constituíram a base da linguagem humana. Antes de mais nada, o que distingue os homens dos animais, são os instintos. Muito mais aparelhados pelas pulsões inatas, os animais são dirigidos por vocações únicas, já estabelecidas; o homem, ao contrário, possuidor de sentidos menos agudos, dispersa-se por inúmeros focos de atenção. Longe de constituir uma desvantagem, porém, a falta de aptidões sempre idênticas lhe permitem - são a causa de - uma mobilidade sem paralelo no mundo animal, facultando a esse ser quase indefeso a liberdade de que os animais não gozam jamais. Suas palavras são particularmente afirmativas:

*As forças de representação do homem não se confinam à construção de um favo ou de uma teia, ficando, portanto, aquém da habilidade inata dos animais dessas esferas... O homem não tem uma tarefa única face à qual a sua ação tenha que permanecer inaperfeiçoável; mas dispõe de espaço livre para se ocupar de muitas coisas e, por isso, para se aperfeiçoar sempre. Nele, os pensamentos não são obra imediata da natureza, mas, exatamente por isso, podem ser obra dele mesmo... Não sendo já um mecanismo infalível nas mãos da natureza, o homem torna-se obra de si próprio e meta e finalidade de sua própria elaboração... A diferença **não é de grau nem se resume a um suplemento das forças**, antes reside num **direcionamento e desdobramento totalmente diferentes de suas forças**⁹.*

Desse modo, oposta do instinto, a razão é fruto de uma carência que desenvolve no homem a *reflexão*. Não se trata de mera troca de palavras, traduzindo a primeira por outra. Herder não se refere aqui à razão em seu sentido corrente no século XVIII, mais restrito, porém a uma capacidade global do homem, que lhe é, esta sim, **inata**. É à reflexão que o homem deve seu principal instrumento de aperfeiçoamento, a linguagem: *a invenção da linguagem é para o homem tão natural como o fato de ser homem*¹⁰, e, por isso, **o homem tem que a possuir logo no primeiro momento, precisamente porque é homem**.¹¹ Não se trata aqui, tampouco, de um pensamento preexistente, que a linguagem depois

⁹ *Op. cit.*, pp. 48-9. (Grifos de Herder).

¹⁰ *Idem*, p.55 (Grifos de Herder)

¹¹ *Idem*, p.52 (Grifos de Herder).

veste: linguagem e reflexão são as duas faces de uma mesma moeda. A linguagem, no que se refere à reflexão, não é um suplemento desta; é simultânea a ela.

Em outras palavras: o que define a linguagem humana não é o **reconhecimento** de propriedades nas coisas, e sim estabelecer diferenças entre elas: *O primeiro ato de um tal reconhecimento fornece já um conceito distinto; é o primeiro juízo do espírito ... Esta primeira característica da consciência era já palavra da alma! Com ela estava descoberta a linguagem.* Reflexão e linguagem desenvolvem-se juntas; ambas são inatas no homem e o predispõem para o aperfeiçoamento. Tanto quanto a reflexão e a linguagem,¹² o impulso gregário é inerente ao homem, é constitutivo de seu caráter humano, e o aperfeiçoamento daquelas duas propriedades implica o estabelecimento da sociabilidade:

Não há homem isolado que exista apenas para si próprio; os homens estão enraizados na totalidade da espécie e cada um é apenas uma unidade numa seqüência contínua. ... Limitemo-nos por ora à relação entre os dois primeiros elos, isto é, a formação duma maneira de pensar da família por intermédio da instrução e da educação. Como a instrução da alma de cada um é o círculo de idéias da linguagem dos pais, acontece que a formação progressiva da instrução humana por intermédio do espírito da família, pelo qual a natureza uniu toda a espécie humana, é também formação progressiva da linguagem.¹² ... se o primeiro estado da consciência humana, não podia existir sem palavra da alma, acontece então que, no homem, todos os estados de reflexão são estados lingüísticos: nele a cadeia de pensamentos é uma cadeia de palavras.¹³

É grande a distância que separa o filósofo alemão dos iluministas franceses e ingleses. Contra eles, *grosseiros epicuristas*, que tudo desejam esclarecer na base do apetite cego ou da utilidade imediata, o filósofo alemão invoca o amor votado pelos pais à criança indefesa. *Porque são precisamente as dores e o desconforto que fazem crescer o amor maternal! É precisamente aquilo que no recém-nascido há de lamentável, de não admirável, ou seja, a fraqueza, a fragilidade do seu temperamento, a exigência de um esforço pesado e difícil de educação, que vem redobrar as atenções dos pais!¹⁴*

¹² Id., pp.137-8 (Grifos de Herder).

¹³ Id., p.123 (Grifos de Herder).

¹⁴ Id., p.136. (Grifos de Herder).

Herder, em seu ensaio, refere-se a Rousseau como *gélido filósofo*. Bem diferente é a opinião deste quanto à sociabilidade. Pode-se dizer que, de Herder para aquele filósofo, os sinais se invertem, no que diz respeito aos benefícios da sociedade primitiva.. Para Rousseau, começa aí a degeneração do homem, seu aprisionamento, sua morte. Como Vico e Herder, Rousseau atribui à linguagem um lugar de primazia: ela funda as instituições. Como eles, a linguagem constitui uma faculdade inata. Como neles, a linguagem distingue-se da voz dos animais pelo que tem de adquirido: aprende-se a linguagem, pois a faculdade pode permanecer adormecida. Mas, contrariamente a eles, por outro lado, a linguagem não se origina de carências, mas das necessidades morais, das paixões. Segundo Rousseau, anti-iluminista, as necessidades teriam antes afastado do que aproximado os homens... Eles foram impelidos pela piedade, pelo ódio, pelas paixões, enfim. A idade de Ouro da humanidade foi a da solidão heróica, da auto-suficiência.:

Esses tempos de barbárie foram a Idade de Ouro, não porque os homens estivessem unidos, mas porque estavam separados... ninguém conhecia e desejava senão o que estava sob a sua mão; suas necessidades, em lugar de aproximá-lo de seus semelhantes, distanciavam-no... Em todos os lugares dominava o estado de guerra e a terra toda estava em paz.¹⁵

As paixões reaproximam os homens que a necessidade de encontrar meios para a sua subsistência tinha dividido. Não foram nem a fome nem a sede mas sim o amor, o ódio, a piedade ou a cólera que pela primeira vez soltaram a fala dos homens ...¹⁶

Assim, sob o impulso das paixões, a primeira língua foi poética - *Não se começou raciocinando, mas sentindo¹⁷*. Ela foi filha do prazer e da comoção. A sua queda, a sua perda desse estado de liberdade foi concomitante ao surgimento da linguagem humana. A degeneração do homem está na razão inversa do desenvolvimento da civilização; mas não somente a degeneração do homem: da linguagem também. Porque nada há de mais funesto ao homem do que o progresso da razão: onde Vico viu a diferença e Herder o aperfeiçoamento, ele vê infelicidade, aviltamento.:

À medida em que as necessidades crescem, os negócios se complicam, as luzes se expandem, a

¹⁵ *Ensaio sobre a origem das línguas*, in Rousseau, Abril Cultural, 1978, 176.

¹⁶ Id.p.163

¹⁷ Id.p.163

*linguagem muda de caráter. Torna-se mais justa e menos apaixonada, substitui os sentimentos pelas idéias, não fala mais ao coração, senão à razão. Por isso mesmo, o acento se extingue e a articulação progride; a língua fica mais exata, mais clara, mas ao mesmo tempo mais morosa, mais surda e mais fria*¹⁸ .

Para Rousseau, o desenvolvimento da linguagem humana- irreversível que é - constitui uma verdadeira expulsão do Paraíso. O *grito da natureza* - o signo natural -, que exprimia a liberdade primeva, a alegria, o medo, a dor do homem, devido a sua própria natureza, não o cindia ao meio, como posteriormente, mas possuía a imediatez das paixões. A linguagem, o oposto do *grito da natureza*, pois a este último (inarticulado) substituía aquela (articulada), ao colocar-se como mediadora entre sentimentos e expressão, trouxe-lhe, agora sim, a solidão:

*... o seu acento sedutor só desapareceu com os mesmos sentimentos que o tinham despertado, quando novas necessidades introduzidas entre os homens obrigaram cada um a só pensar em si mesmo e a fazer com que seu coração ficasse só dentro de si mesmo.*¹⁹

¹⁸ Id.p. 167

¹⁹ Op. cit., 184.